

Examine a tirinha de Caco Galhardo.



(Caco Galhardo. *Cinco mil anos*, 2019.)

Na tirinha, o chefe

- a) acredita que a taxa de rejeição observada nas pesquisas seja um caminho para superar a crise no inferno.
- b) pretende reverter a tendência observada nas pesquisas de modo a tornar novamente o inferno um lugar mais atraente.
- c) acredita que seja possível superar a crise no inferno se a tendência observada nas pesquisas for mantida.
- d) pretende diminuir a taxa de rejeição observada nas pesquisas a partir da discussão de novas ideias para o inferno.
- e) acredita que o inferno esteja em crise por conta da diminuição da taxa de rejeição observada nas pesquisas.

Resolução

A reunião convocada pelo chefe (El Diablo) tem como foco discutir o problema de rejeição ao inferno, indicado pelas pesquisas. Deduz-se que as pessoas entrevistadas não mais rejeitam o inferno, ou seja, passaram a aceitá-lo sem receio.

Resposta: **E**

Leia um trecho do romance *Memórias de um sargento de milícias*, do escritor Manuel Antônio de Almeida, para responder às questões de **02** a **05**.

Cremos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguém escapa neste mundo, ainda que para alguns seja ele fácil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. É escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a princípio tanto desafiara a sua hilaridade por esquisita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar: o fato é que ele a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que se pela sorte de um pai se pode augurar¹ a de um filho, o Leonardo em matéria de amor não prometia decerto grande fortuna. E com efeito, logo depois da noite do fogo no Campo², em que as coisas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quase todos os sentidos. Luisinha, uma vez extinto o entusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentara na noite do fogo, a acordara da sua apatia, voltara de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria depois desses acontecimentos, nem para este último levantara os olhos; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão.

(*Memórias de um sargento de milícias*, 2003.)

¹ augurar: adivinhar.

² fogo no Campo: referência à Festa do Divino (celebração religiosa de origem católica), comemorada com fogos de artifício.

2

O primeiro parágrafo caracteriza-se, sobretudo, pelo seu viés

- a) nostálgico. b) histórico. c) metalinguístico.
d) idealizante. e) moralizante.

Resolução

No primeiro parágrafo, o narrador se refere ao que já havia sido relatado anteriormente na obra (“pelo que temos referido”), ou seja, vale-se do recurso da metalinguagem para tecer comentários com o leitor sobre a narrativa.

Resposta: **C**

A não onisciência do narrador das *Memórias de um sargento de milícias* está bem exemplificada no seguinte trecho:

- a) “é isso segredo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar” (2.º parágrafo).
- b) “É escusado dizer a quem” (1.º parágrafo).
- c) “o fato é que ele a amava, e isto nos basta” (2.º parágrafo).
- d) “pela sorte de um pai se pode augurar a de um filho” (2.º parágrafo).
- e) “principiou a roda a desandar-lhe em quase todos os sentidos” (2.º parágrafo).

Resolução

O narrador informa no trecho não saber o que se passa no coração do rapaz, como se não fosse narrador onisciente, que é aquele que conhece a interioridade do personagem.

Resposta: A

“chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguém escapa neste mundo, ainda que para alguns seja ele fácil e leve, e para outros pesado e custoso” (1.º parágrafo)

Em relação ao trecho que o antecede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- a) comparação. b) condição. c) concessão.
- d) consequência. e) causa.

Resolução

O período iniciado pela locução conjuntiva “ainda que” é concessiva, podendo ser substituída por “embora”.

Resposta: C

A expressão sublinhada em “É escusado dizer a quem” (1.º parágrafo) exerce a mesma função sintática daquela sublinhada em:

- a) “principiou a roda a desandar-lhe em quase todos os sentidos” (2.º parágrafo).
- b) “ninguém escapa neste mundo” (1.º parágrafo).
- c) “o Leonardo em matéria de amor não prometia decerto grande fortuna” (2.º parágrafo).
- d) “Luisinha [...] voltara de novo ao seu antigo estado” (2.º parágrafo).
- e) “chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo” (1.º parágrafo).

Resolução

Na oração principal “É escusado” falta o sujeito que aparece na oração reduzida seguinte “dizer a quem”: Isso (dizer a quem) é escusado. Na alternativa apontada como correta, “a roda” é sujeito da forma verbal “principiou”. Em *b*, o termo grifado é adjunto adverbial de lugar; em *c*, é objeto direto; em *d* e *e* é objeto indireto.

Resposta: **A**

Examine o meme publicado pelo perfil “Art Memes Central” no Instagram, em 17.05.2023.

Good Vikings save valuables from a burning house, while lazy locals are chilling on the grass



Na construção de seu sentido, o meme explora fundamentalmente o seguinte recurso expressivo:

- a) pleonasma.
- b) ironia.
- c) personificação.
- d) paradoxo.
- e) ambiguidade.

Resolução

Tradução do meme:

Os bons Vikings salvam objetos de valor de uma casa em chamas, enquanto os moradores locais preguiçosos estão relaxando na grama.

Resposta: **B**

Nota-se em sua obra um sentido de aprofundamento das coisas e dos seres e um uso experimental do idioma que se opõem, de certa forma, aos escritos mais característicos da prosa regionalista, tendendo a superar tanto o mero pitoresco quanto o realismo documental. Por outro lado, embora revele um notável e incomum domínio artesanal, sua linguagem não se confunde com a dos estilistas da Língua. O seu palavreado diferente não é constituído propriamente de vocábulos “difíceis” ou desusados, mas de recriações e invenções forjadas a partir das virtualidades do idioma, que levam o leitor a constantes descobertas. Com seu léxico e sua sintaxe peculiares, não canônicos, mas coerentemente articulados, esse(a) autor(a) nos força a uma experiência viva com a linguagem.

(José Paulo Paes e Massaud Moisés (orgs.).

Pequeno dicionário de literatura brasileira, 1980. Adaptado.)

Tal comentário refere-se a

- a) Clarice Lispector.
- b) Machado de Assis.
- c) Euclides da Cunha.
- d) Graciliano Ramos.
- e) João Guimarães Rosa.

Resolução

O “uso experimental do idioma”, o “domínio artesanal” e as “recriações e invenções” da linguagem, citados no texto, caracterizam a obra de João Guimarães Rosa.

Resposta: ☒ E

Leia o soneto de Manuel Maria Barbosa du Bocage para responder às questões de 08 a 12.

Nos campos o vilão¹ sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça.

Aquele canta e ri; não se embaraça
Com essas coisas vãs que o mundo adora;
Este (oh, cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquele dorme em paz no chão deitado,
Este, no ebúrneo² leito precioso,
Nutre, exaspera velador cuidado³.

Triste! Sai do palácio majestoso:
Se hás-de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês e venturoso!

(Bocage. *Poemas escolhidos*, 1974.)

¹ vilão: camponês.

² ebúrneo: feito de marfim.

³ cuidado: preocupação, inquietação.

8

O soneto explora, sobretudo, o seguinte tópico neoclássico:

- a) *locus horrendus* (lugar horrível).
- b) *locus amoenus* (lugar aprazível).
- c) *fugere urbem* (fugir da cidade).
- d) *memento mori* (lembra da morte).
- e) *carpe diem* (aproveita o momento).

Resolução

O tópico neoclássico explorado no texto é o da expressão latina “*fugere urbem*”, que significa fugir do ambiente urbano para o rural, pois a vida no campo é mais feliz.

Resposta: C

O eu lírico lança mão do recurso retórico conhecido como hipérbole no seguinte verso:

- a) “Nos campos o vilão sem sustos passa,” (1.^a estrofe)
- b) “Triste! Sai do palácio majestoso,” (4.^a estrofe)
- c) “Inquieto na corte o nobre mora;” (1.^a estrofe)
- d) “Este (oh, cega ambição!) mil vezes chora,” (2.^a estrofe)
- e) “Antes ser camponês e venturoso!” (4.^a estrofe)

Resolução

A hipérbole é um recurso retórico que enfatiza a expressão pelo exagero, como em “mil vezes chora”.

Resposta: **D**

Considerando o contexto, os termos sublinhados na segunda estrofe do soneto referem-se, respectivamente, a

- a) vilão, “o mundo”, “bem” e nobre.
- b) nobre, “essas coisas vãs”, “bem” e vilão.
- c) nobre, “o mundo”, nobre e vilão.
- d) vilão, “essas coisas vãs”, “bem” e nobre.
- e) vilão, “essas coisas vãs”, nobre e nobre.

Resolução

O pronome *se* refere-se a “aquele” que retoma vilão; o pronome relativo *que* refere-se ao trecho imediatamente anterior “essas coisas vãs”; o pronome relativo *que* refere-se ao substantivo “bem”, o pronome pessoal oblíquo *o* refere-se a “este” que retoma “nobre”.

Resposta: **D**

Está reescrito em ordem direta o seguinte verso do soneto:

- a) “Nos campos o vilão sem sustos passa,” (1.^a estrofe) →
Nos campos passa o vilão sem sustos.
- b) “Este encontra nas pompas a desgraça.” (1.^a estrofe)
→ Este encontra a desgraça nas pompas.
- c) “Inquieto na corte o nobre mora;” (1.^a estrofe) →
Inquieto mora o nobre na corte.
- d) “O que é ser infeliz aquele ignora,” (1.^a estrofe) → O
que é ser infeliz ignora aquele.
- e) “Aquele dorme em paz no chão deitado,” (3.^a estrofe)
→ No chão deitado aquele dorme em paz.

Resolução

A ordem direta dos elementos na oração leva em consideração a disposição do sujeito, seguido pelo verbo e, por fim, os complementos: “Este” (sujeito); “encontra” (verbo transitivo direto); “a desgraça” (objeto direto); “nas pompas” (adjunto adverbial de lugar).

Resposta: **B**

Além do vocativo que ocorre na segunda estrofe, há no soneto outro vocativo. Esse outro vocativo é isolado pelo seguinte sinal de pontuação:

- a) vírgula.
- b) dois-pontos.
- c) ponto final.
- d) ponto e vírgula.
- e) exclamação.

Resolução

O outro vocativo que aparece no poema encontra-se na última estrofe e vem isolado em uma frase marcada pelo sinal de exclamação: “Triste!”, evocando o indivíduo que vive na cidade.

Resposta: **E**

Para responder às questões **13** e **14**, leia a crônica “Nós, o dicionário e a professora Dina” da escritora angolana Ana Paula Tavares.

O dicionário e a professora Dina entraram nas nossas vidas ao mesmo tempo. Também as palavras tática, guerra, resistência. A professora Dina pretendia domesticar o nosso português corta-mato, infalível nas batalhas de rua, eficaz no nosso ódio à ordem, disciplina. Era um português praticado na rua pedindo de empréstimo às outras línguas palavras, construções, tudo o que pudesse facilitar a frase curta, intensa, eficaz. A professora [...] apresentou-nos o Dicionário. A partir daquele dia tal livrinho devia permanecer aberto para sempre nas nossas vidas. A professora Dina acreditava [...] que “se olhássemos tempo suficiente para o escuro, acabaríamos por ver aí alguma coisa”. Descobrimos juntos a história dos dicionários e da língua. Fomos à procura da palavra através da “compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos) ou de certas categorias dessa língua, organizadas numa certa ordem convencionada, geralmente alfabética, e que fornece, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical e etimologia”. Descobrimos os mais variados dicionários, desde os especializados na linguagem de uma época, ou de um escritor determinado, aos das diferentes áreas do saber. A história da língua tornou-se-nos familiar através da origem das palavras e da sua evolução no tempo.

Fomos tomando posse de uma língua que era a nossa língua materna mas da qual só conhecíamos o ruído, o grito, a ponta afiada para ser usada na rua. O silêncio, as formas de pensar e julgar, e as escalas de valor foram aprofundados com a consulta do dicionário. [...] Um dicionário, mesmo de recursos simples, oferece palavras e expressões saídas da poeira da memória, que voltam aqui prontas para nosso serviço [...]. A linguagem em si não é precisa nem imprecisa. Nós é que a podemos usar de forma menos cuidada, alterando os caminhos que a semântica nos propõe. [...] A sugestão continua a ser: mantenham o dicionário sempre aberto, em revisita aos falares e sabores em e da língua portuguesa e de todas as outras que nos rodeiam.

(Ana Paula Tavares. *Um rio preso nas mãos*, 2019.)

De acordo com a cronista, o intenso convívio com os dicionários acabou por conferir aos alunos a seguinte qualidade:

- a) introversão. b) rebeldia. c) ponderação.
- d) volubilidade. e) objetividade.

Resolução

De acordo com o texto, a professora Dina apresentou a seus alunos o Dicionário que, “a partir daquele dia (...) devia permanecer aberto para sempre em nossas vidas”. Assim, a relação entre os estudantes e a Língua passou a ser de descoberta, posse, reflexão, a ponto de eles poderem usar os vocábulos de “forma menos cuidada, alterando os caminhos que a semântica nos propõe.”

Resposta: **C**

Observa-se o emprego de palavra formada com sufixo que, no contexto, expressa afetividade em:

- a) “A partir daquele dia tal livrinho devia permanecer aberto para sempre nas nossas vidas.” (1º parágrafo)
- b) “A sugestão continua a ser: mantenham o dicionário sempre aberto, em revisita aos falares e sabores em e da língua portuguesa e de todas as outras que nos rodeiam.” (2º parágrafo)
- c) “Descobrimos os mais variados dicionários, desde os especializados na linguagem de uma época, ou de um escritor determinado, aos das diferentes áreas do saber.” (1º parágrafo)
- d) “O dicionário e a professora Dina entraram nas nossas vidas ao mesmo tempo.” (1º parágrafo)
- e) “A história da língua tornou-se-nos familiar através da origem das palavras e da sua evolução no tempo.” (1º parágrafo)

Resolução

O sufixo **-inho**, empregado na palavra “**livrinho**”, expressa afetividade na relação da narradora com o Dicionário, o qual passou a ter importância ímpar em sua vida.

Resposta: **A**

A more deliberate kind of realism in novels, stories, and plays, usually involving a view of human beings as passive victims of natural forces and social environment. As a literary movement, was initiated in France by Jules and Edmond Goncourt with their novel *Germinie Lacerteux* (1865), but it came to be led by Émile Zola, who claimed a “scientific” status for his studies of impoverished characters miserably subjected to hunger, sexual obsession, and hereditary defects in *Thérèse Raquin* (1867), *Germinal* (1885), and many other novels. This fiction aspired to a sociological objectivity, offering detailed and fully researched investigations into unexplored corners of modern society, while enlivening this with a new sexual sensationalism.

(Chris Baldick. *The concise Oxford dictionary of literary terms*, 2001. Adaptado.)

O texto trata do movimento

- a) naturalista.
- b) modernista.
- c) romântico.
- d) parnasiano.
- e) simbolista.

Resolução

O texto trata do movimento naturalista, iniciado na França por Émile Zola.

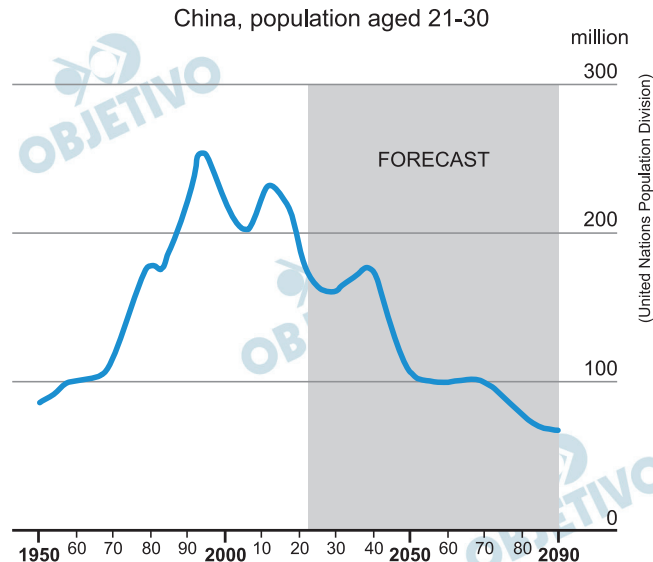
Resposta: **A**

Leia o texto para responder às questões de 16 a 22.

The great global baby bust is under way

Across the world, birth rates are declining more rapidly than expected. That worries retired people and policymakers. In 2010, there were 98 nations and territories with fertility rates below 2.1 (known as the replacement rate) according to the United Nations. In 2021, that number had risen to 124, or more than half the countries for which data were available. The world's 15 largest economies all have fertility rates below the replacement rate.

As the proportion of children declines, average ages rise, particularly as old people live longer (though the rise in longevity has slowed in recent years: in Britain lifespans are flatlining and in America they are falling). Some long-running demographic trends are changing, too. Educated women have for decades tended to have fewer children. Nevertheless, fertility among the less educated is now falling.



All of this poses a huge economic challenge. In parts of the world where birth rates were already low, the shortfall of young employees, who are needed to subsidise the retired, will be felt intensely. In China, the number of workers aged between 21 and 30 has already declined from 232 million in 2012, to 181 million in 2021. By the mid-2050s the United Nations forecasts there will be fewer than 100 million (see chart). China's one-child — and later two-child — policy has contributed to the country's decline in young workers. Recent history has shown that it is much more difficult to raise fertility levels than it is to crush them in the first place.

(www.economist.com, 14.06.2023. Adaptado.)

16

According to the information provided by the text, the word “bust”, in the title, can be replaced, without meaning change, by

- a) difference.
- b) decrease.
- c) degradation.
- d) flaw.
- e) regeneration.

Resolução

De acordo com a informação fornecida pelo texto, a palavra “bust” pode ser substituída por “decrease”.

* *bust = decrease = diminuição, redução*

Resposta: **B**

17

In the excerpt from the first paragraph “In 2021, that number had risen to 124”, the underlined expression refers to

- a) “124”.
- b) “2.1”.
- c) “2021”.
- d) “98”.
- e) “15”.

Resolução

No trecho do primeiro parágrafo, “1921, aquele número grifado tinha aumentado para 124”. A expressão sublinhada refere-se a 98. (nações e territórios com taxa de fertilidade abaixo de 21).

Resposta: **D**

No trecho do segundo parágrafo “average ages rise, particularly as old people live longer”, o termo sublinhado introduz uma

- a) comparação.
- b) consequência.
- c) causa.
- d) alternância.
- e) finalidade.

Resolução

No trecho do segundo parágrafo “as idades médias aumentam, particularmente porque os velhos vivem mais”. O termo sublinhado introduz uma causa.

Resposta: ☒ C

As to women, the text presents a tendency that has recently changed. The result of this change is:

- a) two children per family to keep the replacement rate.
- b) rise in longevity in developing countries.
- c) educated women have fewer children.
- d) variation in longevity in developed countries.
- e) less educated women have fewer children.

Resolução

No que se refere a mulheres, o texto apresenta uma tendência que mudou: mulheres com menos escolaridade têm menos filhos.

Resposta: ☒ E

No trecho do segundo parágrafo “though the rise in longevity has slowed in recent years”, o termo sublinhado equivale, em português, a

- a) senão.
- b) também.
- c) sobretudo.
- d) embora.
- e) porque.

Resolução

No trecho do segundo parágrafo, embora o aumento na longevidade tenha se reduzido em anos, o termo sublinhado equivale, em português, a *embora*.

* *though* = *embora*

Resposta: **D**

According to the chart, China’s population aged 21-30

- a) might be the same in 2070 as it was in 1970.
- b) has already reached its peak in 2010.
- c) has been falling steadily since 2000.
- d) should flatten after 2050.
- e) has been growing from 2000 to 2023.

Resolução

De acordo com o gráfico, a população da China compreendida entre 21 e 30 anos, poderia ser a mesma em 2070, como foi em 1970.

Resposta: **A**

De acordo com o terceiro parágrafo, um dos motivos para o declínio da população em idade produtiva na China é

- a) o subsídio aos aposentados.
- b) a política de um ou dois filhos.
- c) a facilidade em controlar a fertilidade.
- d) a falta de empregos.
- e) o desafio econômico.

Resolução

Lê-se, no texto:

“China’s one-child — and later two-child — policy has contributed to the country’s decline in young workers.”

Resposta: **B**

Leia a chamada e o título de uma matéria do *The Economist*, acompanhados da nota do Editor, para responder às questões de 23 a 25.

The Economist

The Americas | A land of frustrated workers

Why are Latin American workers so strikingly unproductive?

Editor’s note (June 9th): The original headline in this article attracted criticism for the phrase “A land of useless workers”. We have changed it to make clear that we are analysing the social and economic costs of low productivity. Our aim is to draw attention to the structural causes of low average labour productivity in Latin American countries, including powerful oligopolies that mute competition and a large informal sector which forces many businesses to remain subscale. As the article makes clear, all of this is beyond the control of individual Latin Americans, whose living standards have suffered. We end with a call for better policymaking.

(www.economist.com, 09.06.2023. Adaptado.)

The Editor's note published by *The Economist* intends to

- a) change the new headline of the article because it is inadequate and offensive.
- b) point out that the readers might not fully understand the job market in Latin America.
- c) explain the reason why an alteration was made and the aim of the article.
- d) show that workers in Latin America are slow and do not care about productivity.
- e) compare Latin American workers to the American and European standards.

Resolução

A nota do Redator publicada pela revista "The Economist" pretende explicar a razão pela qual uma observação foi feita e o objetivo do artigo.

Resposta: C

A chamada original que consta da nota do Editor, "A land of useless workers", foi criticada pois o termo "useless" pode ser considerado

- a) pejorativo.
- b) conveniente.
- c) trivial.
- d) ambíguo.
- e) cômico.

Resolução

O termo "useless" significa *inúteis, incompetentes*, podendo ser considerado pejorativo.

Resposta: A

De acordo com a nota do Editor, uma das causas estruturais da baixa produtividade dos trabalhadores na América Latina é:

- a) o setor informal considerável, que acaba dificultando o avanço das empresas.
- b) a exploração de mão de obra barata pelos oligopólios poderosos.
- c) os baixos salários pagos por falta de concorrência em alguns setores.
- d) a falta de investimento em qualificação e modernização por parte de oligopólios.
- e) a ineficácia do mercado de trabalho ao tentar atender os padrões internacionais.

Resolução

Lê-se, no texto:

“... analysing the social and economic costs of low productivity.”

Resposta: A

Texto 1



(Richard Bittencourt (Fi). *As lágrimas sinceras de Júlio Gilson*, 2023. Adaptado.)

Texto 2

No Brasil, o anonimato é proibido em todas as formas de publicações. Está na letra da lei, no inciso IV do artigo 5.º da Constituição Federal, em palavras muito claras e muito simples: “É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Com o advento da internet, porém, o quadro deixou de ser tão claro e tão simples. Na realidade digital, a letra da lei talvez seja letra morta.

As tecnologias digitais abriram muitas portas para manifestações de autores que se escondem, se esquivam, escapam a qualquer forma de identificação. O navegador Google Chrome concede ao seu usuário a abertura de uma “janela anônima”. Trata-se, como se vê, de um serviço ao alcance de qualquer um do público. Isso é mau? Difícil dizer. Antes de ser uma conduta necessariamente perversa ou dolosa, o expediente de quem oculta o próprio nome pode ser uma estratégia legítima e, às vezes, uma estratégia de sobrevivência. Na história da democracia não foram poucas as ocasiões em que a ocultação do nome do autor contribuiu para a expansão das liberdades. O filósofo inglês John Locke (1632-1704) vivia exilado na Holanda sob nome falso quando publicou anonimamente sua *Carta sobre a tolerância*, em 1689. Hoje sua obra é reverenciada como um alicerce da noção essencial de que a fé religiosa de cada um é assunto pessoal, privado, não podendo ser determinada pelo poder estatal. Graças ao anonimato, não nos esqueçamos. Não fosse o recurso de sonegar aos leitores seu nome verdadeiro, é possível que Locke nunca tivesse conseguido publicar sua *Carta sobre a tolerância*. Bem sabemos que na internet

ninguém é John Locke. As formas de estelionato de opinião proliferam em variações tão criativas quanto malignas. A cada eleição, pipocam blogs e sites apócrifos dedicados exclusivamente a enxovalhar a honra alheia. Isso não quer dizer que não existam os bons anônimos. Eles existem. Usam em segredo as redes sociais para denunciar desmandos em regimes autoritários — e também em regimes ditos democráticos. Mesmo sem ser John Locke, ajudam a civilização. O que fazer? Como resolver o problema do anonimato na rede? Seria possível — e seria desejável — regulá-lo? Em tempo: será que isso é de fato um problema?

Em boa medida, a internet tem sido um ambiente livre. Algum grau de manifestações anônimas integra e complementa a liberdade. Em poucas palavras, não haveria liberdade sem pelo menos um pouco de anonimato.

(Eugênio Bucci. “Cyberanonimato”. www.estadao.com.br, 18.04.2013. Adaptado.)

Texto 3

O ódio é um afeto e como tal tem direito à plena cidadania entre outros afetos, emoções e sentimentos. Daí que seja vã e, no limite, pernicioso toda tentativa de eliminar afetos, tais como a soberba (orgulho excessivo), a avareza (apego excessivo a bens), a inveja (geralmente traduzida pelo desejo de impor tristeza ao outro), a gula (desejo exagerado de comer ou beber), a luxúria (apego demasiado aos prazeres), e finalmente a ira, ou seja, o ódio furioso, que ultrapassa certos limites, geralmente traduzidos pela ofensa, desrespeito, agressão ou violência.

No discurso de ódio ocorre uma espécie de perda de modulação social desse afeto, uma desregulação do seu sistema de mediações. Isso pode ocorrer em função de um efeito digital muito simples: a monetização. Se o ódio engaja, coletiviza e intensifica, ele obviamente se traduzirá pela elevação do nível de atratividade digital.

A questão, porém, é que o anonimato digital suspende o circuito de regulação de afetos, pelos quais meço minhas palavras, pondero meu tom ou avalio as implicações do que digo. Ser autor é condição para possuir autoridade, logo poder perdê-la. Daí que o antídoto que coloco aqui em discussão chame-se autoria ou perda do anonimato.

(Christian Dunker. “Fim do anonimato digital reduziria danos causados pelo discurso de ódio”. www.uol.com.br, 26.04.2023. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O FIM DO ANONIMATO DIGITAL REDUZIRIA DANOS CAUSADOS PELO DISCURSO DE ÓDIO?

Comentário à proposta de redação

A Banca Examinadora propôs a seguinte questão, a ser respondida num texto dissertativo-argumentativo: O fim do anonimato digital reduziria danos causados pelo discurso de ódio? O candidato contou com três textos auxiliares, que deveria considerar como ponto de partida para sua discussão. No primeiro, uma tirinha do cartunista Richard Bittencourt, um usuário das redes sociais critica a postura de internautas, classificados como “gente à toa”, que acessam o Twitter (atualmente X) apenas para xingar, mas imediatamente passa a reproduzir o comportamento criticado, xingando “esses otários”. No segundo texto, o jornalista Eugênio Bucci, em texto intitulado “Cyberanonimato”, questionava a validade da “lei do anonimato”, prevista na Constituição Federal, que defende a manifestação do pensamento, porém veda o anonimato. Para comprovar seu ponto de vista, recorreu à história da democracia, construída por autores que, anonimamente, teriam contribuído para “a expansão das liberdades”. Seria esse o caso do filósofo inglês John Locke que, exilado na Holanda sob uma falsa identidade, escreveu a antológica *Carta sobre a tolerância*, considerada hoje uma referência na defesa da fé religiosa como assunto privado, que não comportaria qualquer interferência estatal. O avanço das tecnologias digitais na contemporaneidade proporcionaria, na visão de Bucci, uma “janela anônima”, ou seja, uma estratégia legítima daqueles que se valeriam do anonimato para denunciar regimes autoritários ou supostamente democráticos, auxiliando a consolidação do processo civilizatório. A defesa de Bucci não ignorou, contudo, a malignidade que prolifera em diversas situações, como no período eleitoral, em que a calúnia e a difamação encontram terreno fértil sob a égide do anonimato que, aos olhos do jornalista, talvez nem representasse um problema passível de ser regulado: antes, seria um contributo ao ambiente livre da internet. No último texto, o psicanalista Christian Dunker define o ódio como uma forma de afeto que integra as emoções e os sentimentos, sendo, pois, impossível eliminá-lo. Contudo, ressalta Dunker, num contexto de monetização – efeito digital recorrente – ocorreria a perda da modulação social do discurso de ódio, que não encontraria limites ao engajamento e à intensificação que derivariam em “atratividade digital”. Daí a sugestão de um “antídoto” a essa expansão desenfreada do ódio, a saber, a perda do anonimato.

Após refletir sobre as ideias e opiniões contidas nos textos de apoio, o candidato deveria proceder à própria análise da questão proposta. Caberia, primeiramente, louvar a liberdade de manifestação como uma

conquista da humanidade, mas seria importante fazer uma ressalva acerca do uso indevido dessa liberdade, sobretudo quando se adota um discurso de ódio num ambiente que resguardaria a identidade de seus propagadores que, acobertados pelo anonimato, ficariam à vontade para ofender, insultar, difamar e até promover o “cancelamento” de desafetos na internet. Seria apropriado, ainda, evitar qualquer forma de radicalismo no que diz respeito à adoção de medidas cabíveis para coibir tais condutas, especialmente quando se observa uma tendência à banalização do ódio, aparentemente mais contagioso que os demais sentimentos.

Caso optasse por defender o fim do anonimato digital, o candidato poderia citar exemplos de pessoas físicas ou jurídicas que teriam sido vítimas do discurso de ódio e, mesmo tendo recorrido à justiça para obter reparação de danos, nunca conseguiram ser ressarcidas à altura dos danos emocionais e financeiros sofridos. Traumas decorrentes de difamação também poderiam ser mencionados para comprovar a necessidade de pôr fim a atitudes inescrupulosas de *influencers* e *sites* que visam tão somente à obtenção de mais seguidores e, conseqüentemente, de mais patrocínio. Dispositivos de Inteligência Artificial poderiam ser sugeridos como forma de detecção de possíveis tentativas de burlar a lei.

Caso, porém, optasse por defender a manutenção do ambiente livre da internet, o candidato poderia valer-se de exemplos históricos de personagens que, lutando justamente pela liberdade, teriam adotado nomes falsos para fugir à perseguição de regimes totalitários, por exemplo, que encaravam até mesmo os livros como potenciais ameaças ao poder ditatorial. Determinar o fim do anonimato equivaleria, assim, a uma forma de censura, já que impediria a exposição do contraditório, pressuposto básico da democracia.

